



MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

ELOGIO SENTIMENTAL DOS BICHOS AMAZÔNICOS

ENTRE A BIOLOGIA E O FOLCLORE



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 13



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 13

ELOGIO SENTIMENTAL DOS BICHOS AMAZÔNICOS ENTRE A BIOLOGIA E O FOLCLORE

(poemas)

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
Elogio sentimental dos bichos amazônicos: entre a biologia e o folclore (poemas).....	11

© **Mário Ypiranga Monteiro**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial
Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial
Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico
Marcicley Reggo

Imagem da capa
© twenty20photos/Envato

Digitalização dos originais
Roumen Koynov

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M775e Monteiro, Mário Ypiranga, 1909-2004

Elogio sentimental dos bichos amazônicos: entre a biologia e o folclore. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda– v. 13;

ISBN 9788-65-86325-68-3

1. Literatura Brasileira – Poesia I. Título

CDD B869.15

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98). Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361
N. Sra. das Graças – Sala 303
69053-110 – Manaus-AM

REGGO Fone: (92) 98817-0172
@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

O professor, advogado, escritor e acadêmico Mário Ypiranga Monteiro comparece à Coleção Pensamento Amazônico, Série João Leda mais uma vez, dessa feita com seu *Elogio sentimental dos bichos amazônicos*, ele que foi dos mais profícuos pesquisadores amazônenses, autor de centena de trabalhos em vários gêneros literários, destacando-se o clássico *Teatro Amazonas* que, lançado originalmente em volumes separados, foi reunido em edição especial em 2003.

Homem atento ao seu tempo, jornalista, político, documentarista, poeta e folclorista, Mário Ypiranga foi dos acadêmicos um dos que mais se dedicou à instituição, exercendo diversos cargos em sua diretoria e tendo sido seu presidente em várias oportunidades, assim como foi presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas por muitos anos.

Jornalista aberto à polêmica, quando necessário, foi ele que muitas vezes assumiu posições firmes em defesa da integridade física do prédio do Teatro, e contestou o uso indevido que durante alguns anos costumava ser feito, contrário aos fins para os quais foi edificado. É a ele que se deve a reunião de informações e documentos que permitiram o tombamento desse bem como patrimônio histórico nacional em 1966.

A originalidade desse livro, entretanto, motivou a sua inclusão na Coleção do Pensamento Amazônico que a Academia vem fazendo editar como forma de ampliar o conhecimento pelo grande público de titulares da instituição que, criada em 1918, passado o centenário de fundação se mantém fiel aos princípios eu a originaram e norteiam.

Como o leitor poderá observar ao consultar o portal da Academia, descobrindo e redescobrimdo edições de inúmeras obras de interesse para a literatura produzida no Amazonas, Mário Ypiranga será encontrado com destaque, precisamente pela variedade e intensidade de sua criação, tal como sucede nas inúmeras edições da *Revista da Academia Amazonense de Letras*, na qual contribuiu de forma contínua desde o seu ingresso no Silogeu, inclusive, com esse trabalho sobre os bichos amazônicos, que depois foi editado em forma de livro.

Eis que, dessa feita, a Academia oferece aos leitores e pesquisadores mais esta importante produção do festejado escritor.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

Para a minha netinha,

ISABELA

JUSTIFICATIVA

Faltou sensibilidade ao autor para completar a empresa que a Biologia sempre aprofunda melhor, salvando o supérfluo das opiniões populares, que assim passam ao folclórico, não menos pitoresco e edificante. Todavia não foi exclusivamente o comportamento animal (de alguns animais) que ativou e amadureceu o empenho, e sim, uma consciência telúrica chamada a depor ali onde raramente o Homem dedica interesse sentimental a tal comportamento. Foi a poesia que ressuma desse comportamento animal, poesia às vezes trágica e outras grotesca e arbitrária que interessou ao amazonólogo, antes de impressionar ao colecionador de fatos e de curiosidades regionais e de questioná-las por tratamento diferente.

Velhos poemas escandidos ao correr do tempo, estão por isso mesmo defeituosos, dando-se como perdida uma parte referente ao Uirapuru e todo o texto do Tamburi. Selecionou-se o que estava em condições, deixando-se o restante para uma segunda série. E tirou-se esta separata da Revista da Academia Amazonense de Letras, volume 19, que se inclui no rol das publicações ordinárias.

M.Y.M.

— Por mais que alguém admire o forte e torça
pela violência, ele nem sempre ganha.
Invés do mito olímpico da força
o prestígio é de quem cultiva a manha.

I

A Onça e o Tapir

I

— Astuto e suspicaz, pisando manso, o gato
espreita no recesso a exuberante anta.
São antigos rivais, mas no espesso do mato
o tapir pela força a traição suplanta.

Ligeiro como sói ser o felino, no ato
de curvar a cerviz a presa, arranca e planta
no dorso as puas curvas, sanguinário e exato,
enquanto os dentes cruéis se cravam na garganta.

O que baquear primeiro ao termo desse prélio
terá selada a sorte, entanto que o ginete
não curva sob o peso enorme no cachaço.

A cada golpe de um o outro logo repêlé-o
e não cedem, — este à dor dos pinços no gasnete,
aquele — à dor dos paus lanceados no espinhaço.

II

— Como um diabo escanchado em cima de outro diabo
disparam os dois, à uma, alvoroçando tudo...
Não há obstáculo para a correria, e ao cabo
um deles cairá, é a regra desse ludo.

A onça, nessa viagem atormentada. o rabo
retorce no ar, nervosa e inquieta, pelo cruco
cibo que foge audaz. A anta sangra e seu babo
fia em finos listéis, mas reage, contudo.

A luta começou feroz, afugentando
os bichos, que a anta escapa a trote largo, astuta,
preferindo os locais onde haja pau caído.

Estrepitosamente a mata estruge e é quando
por sob um tronco, arfando, a bicha engana e esputa
a fera má, — que cai de crâneo contundido.

Leia a continuação (III soneto) na página 17

II

O Tapir e a Sucurijú

I

— À visão descuidada e ao faro inútil, o rolo
sugere inofensiva e cândida liana
de grossura normal. No entanto a fome e o dolo
estão à espreita ali onde a malícia engana.

A lei da selva impõe-se e para o forte impô-lo,
ao feroz estatuto, é necessário a gana
que justifica o fim — destruição do mais tolo.
A existência requer tragédia cotidiana.

A serpe vigilante e má aguarda a presa
paciente e inerte, até que a vista em braza acesa
revele o cibo — a anta — opulento bocado.

O duelo de titãs requer a força, apenas,
luta viril que exclui os fracos e os alfenas,
e em que o mais forte às vezes tomba e é devorado...

II

— Solidamente presa a cauda a um pau, a cobra
lança o bote certo à presa descuidada.
Agora encolhe e puxa, elástica: outra dobra,
as escamas chiando, aumenta a espiralada.

O ritmo do aperto é lento mas a obra
de constrição não pára. Ouve-se o silvo, a cada
acocho a fera aloja a baba espessa; sobra
apenas a porção da cauda retesada. .

A luta se decide a favor do tapir
que resiste ao sufoco exasperadamente,
a tromba no ar foliando, a fungar e a mugir...

A movente espiral constri e o galho entorta,
mas a medula rompe, afinal, e a serpente
vencida afrouxa os nós e pende bamba e morta.

III

— As coisas não ocorrem ao modo que se pensa,
de maneira constante e sem variedade.
O equilíbrio é rompido às vezes e compensa
o comprido sartel sangrento de crueldade.

A onça quando ataca a anta em selva densa
pode a melhor levar — talvez fatalidade
que se repete aqui e ali na série imensa
de episódios brutais, por mera edacidade.

Mas se o fato acontece à beira d'água, a anta
não hesita nadar e arrasta para o fundo
o incômodo pixé com suas manhas véreas.

Na água a onça tem medo — embora nade — e a tanta
fidúcia não se atreve. Ei-la de volta ao mundo
amargando o mergulho e espirrando misérias...

III

A Sucuri e a Inambu

I

— Porque assim concertou a Natureza, a vida
decorre dia a dia entre sustos e festas:
ora o grito de dor de uma alma ferida,
ora os cantos de amor. as líricas serestas...

Os homens que afinal tomaram todas estas
extensões como exemplo, o fizeram havida
a inspiração do fato e as estórias ou gestas
nada são, posso crer, que uma lição fingida...

Por isso o drama cruel vivido no recesso
da selva é sempre um drama absurdo e sigiloso,
nem visto e nem ouvido assim por toda gente.

O fato não é lenda e nem a lenda é excesso.
O fraco paga um preço assaz graúdo e odioso
pela vida que teve, ao forte onipotente.

II

— No galho pousa insonte a ave pressurosa
à procura do par que ainda não sabe aonde...
Pia de vez em quando a chamá-lo, amorosa,
indiferente ao mal que próximo se esconde.

Sucurimanjando a serpente alerta. E donde
pousou, a inambu sente a sensação viscosa
de que não poderá fugir... e voa, a fronde
abandonando a piar numa queixa nervosa...

O fascínio brutal dos olhos da serpente
atrai cada vez mais a pávida inambu
que resistir não pode e pia tristemente...

O baque surdo estanca o grito aflito. Escorre
o sangue sobre o sangue ainda quente e cru
— resto do par que foi da avezinha que morre...

IV

A Onça e o Jacaré

I

— Pois é, doutor, existe aquela história mesmo do jacaré cangica e da onça magana. Posso lhe garantir que foi andando a esmo que deparei com o caso e a mim nada me angana.

Era pela manhã, deixa ver, meu torresmo acabara e pensei armar uma pascana. Apenas um carão, talvez caçando lesmo, viajava pela praia, ao léu, na ilha Adana.

Jama's acreditei que houvesse covardia num bicho que na água é temido da onça e que no seco espanta a muitos animais.

Mas é isso, doutor, aconteceu que um dia tive pasmo de ver aquela geringonça de que jamais na vida esquecerei, não mais...

II

— Estendido ao comprido, a frente para o rio,
soberbo jacaré de cor escura, um macho,
devia estar dormindo, aproveitando o estio
da manhã de dezembro ali na praia, eu acho.

Com pouco ela chegou gatipisando... Agacho.
O lagartão podia escafeder, mas ví-o
aceitar sem mexer-se a companhia e o escacho
na cauda, — esse pitéu pra ela um amavio...

Pasta rosnando o rabo todo e o simposiarca
não reage à tortura ignominiosa quando
o sangue em profusão a terra mole encharca.

Satisfeita, ela parte. E ele deixa-se estar,
mas se um bicho acercar-se o mutilado, urrando,
em vão tenta o cotoco em sangue rabear.

III

— É sumamente inglório o fim do grande sáurio
após o sórdido repasto... A alternativa
à escolha é má. Qualquer que seja ela é um cáurio:
inútil fica o roaz quando do órgão se priva.

Se busca a água perde a ação e entra à deriva,
atraindo seu sangue as feras, como em táureo
espetáculo a capa. E em breve tempo a viva
carcaça mostrará ao pálido azul e áureo.

Se ficar, que miséria! a atroz gangrena a cauda
restante vai comendo e o resto, e a podridão
acena à bicharada ativa. Ei-los em rauda...

Acaba, vivo ainda, o monstro, na espurcícia
do seu próprio banquete aos vermes. Irrisão!
E os negros urubus se alegram com a notícia...

V

O Bem-te-vi e o Gavião

I

— Nem sempre o fraco é acepipe do mais forte, parece ser a lei compensativa, o esquema da Natureza, o seu dogma fiel, e norte que o equilíbrio dê para o ecossistema.

Tem-se visto que a força, a ligeireza ou o porte não são valores tais nem solução extrema. Que tremam os fracos, sim, mas têm a mesma sorte os predadores, tanto impõe-se esse dilema.

Pequenos animais às vezes ganham nome pela maneira como esquivam-se da sanha do inimigo movido ao ato pela fome.

Em suma, que é que faz do tímido o agressivo, ou capaz de ganhar a luta pela manha?

— O instinto de defeza é inato no ser vivo.

II

— De bico de navalha e garras lacerantes
o gavião não recusa a presa que ambiciona,
peixes, insetos, cobras, vermes, avoantes,
sobre que cai precipite no ar ou à tona.

Ataca e come viva a presa, e o resto abona
à ávida prole oculta em árvores gigantes.
Não respeitam o quintal, o aceiro, a estreita zona
guardada pelo cão — suas garras filantes.

Mas foge de pavor do bem-te-vi gaiato
que o segue em vôo picado a torturar-lhe o crâneo,
de que escapa subindo ou ocultando no mato.

De negaça em negaça ataca a ave em frema
a cabeça do falco adoudado, em que dâne-o,
— e era uma vez na vida um gavião panema....

IV

O Iacamim — mordomo do terreiro.

I

— Arauto do terreiro, arrogante e galhardo,
o iacamim parece a ave mais estranha
da fauna alada. É mesmo, acredita-se, em manha
a mais inteligente e esse conceito guardo.

Na lenda ele foi gente, um pouco estróina e bardo,
e no alto rio Negro existe uma montanha
que conserva a estória, estória que arrebanha
os causos em que o deus teve o seu triste fardo...

Iacamim é assunto às vezes prioritário
das conversas de sala, em família a quem serve,
porque exerce também funções de secretário.

Do desempenho dessa esquipática ave
tem-se o ventriloquismo, além daquela verve
com que acolhe as visitas, como um criado grave.

II

— São conhecidas mais algumas das virtudes do pássaro-trombone, o iacamim mimoso. À arribada a uma casa o bicho acorre airoso e executa um ritual de passos e atitudes.

É o dono do quintal, e sem que as aves rudes o impeçam, ele alimenta os pintos, carinhoso, traz ovos de bem longe e acrescenta, cioso, ao ninho. É mediador de brigas e de grudes.

Mas tem seus calundus. Quando implica com alguém é mau agouro, dizem que a aversão revela premonição. É não aceita a paz de jeito algum...

Por isso ele é estimado e creio não há quem o rejeite por guarda. É que uma ave tão bela foi gente quando o mundo era um jardim comum...

VII

A Paca e a Sucuri, velhos amigos

I

— Amigos pode ser que se aventurem a sê-lo,
mas negócios à parte, é o que ensina o brocardo.
No entanto a gente sabe, ou vê, em como o zelo
entre animais é exemplo exposto e sem resguardo.

A hiena segue o leão, não a agride o leopardo,
e fatos desse teor entre nós vem a pelo:
permite o jacaré — o bronco felizardo,
que aves limpem à dentuça os restos com desvelo.

Essa afeição se pode achar em outros bichos
como o boi que de pé acomodado espera
que os fúnebres anus lhe comam os carrapatos.

Atos desse jaez não são meros caprichos
de momento, talvez. Talvez até na fera
exista um lado bom que justifique os fatos.

II

— Na cova estreita e escura, à beira d'água, os dois habitam como bons, tradicionais amigos. Nenhum deles pretende afugentar-se, pois a paca e a sucuri são compadres antigos.

Dessa afeição, notada há muito entre eles, sois descrente, assim o creio, em face dos perigos que corre a paca — sem defesa — mas depois vê-se não ser a vida apenas dor, castigos.

O fato de o covão partilharem os dois juntos só explica que haja um termo ainda controverso, comportamento igual para os demais da classe.

Não seria afinal de admirar que assuntos dessa ordem tivessem epílogo diverso e a cova devoluta um dia se encontrasse...

VIII O Arapaíma e os Alevinos

I

— O amor materno ocorre entre as espécies ditas inferiores, mas nem sempre é certo a sua extroversão pelos bebês. As contraditas existem e há fatos, uns, em que a mãe não atua.

No arapaíma o sentimento é franco e estua diante do perigo. E sob suas vistas os alevinos vão atentos sem que u'a manobra falsa afáste-os das maternas pistas.

Onde e como o comando exsurge, se o perigo boiar de sopetão? O fato é que o magote desaparece, sus! na boca da matrona.

E até que cesse o alarme ali funciona o abrigo. Todavia ninguém inda soube que escote para o alerta da prole imensa funciona.

II

— Não assim acontece a outros animais como a cobra, o inseto, o sáurio e o testudo, em que os pais não se obrigam para os filhos mais do que o trabalho de deitá-los fora e é tudo.

Pode ver-se a lacraia a carregar no escudo meia dúzia dos seus; a aranha, por demais abjeta, endoidecer se perde o ovo. E contudo alguns filhotes são comidos pelos pais.

Nos insetos o esquema é diferente: à fêmea apenas cabe os ovos expelir e o resto a sábia Natureza ajuda a completar-se.

Por que essa falha? Existe o erro ou é blasfêmia supor que Deus jungiu o fraco ao seu funesto dever de geratriz por tão píffio disfarce?

IX

Dos Guaribas e seu comportamento social

I

— Já viste um bando alegre de guariba em plena selva, ou à margem do rio. Eles possuem normas de proceder, e o caso a muitos não acena à inteligência pura. Se a isso te conformas,

é justo perguntar à lógica serena
se o cérebro animal apenas rege as formas
de movimento físico. A observação condena
o que em instinto, só, ó sábio, tu transformas.

Da súcia, vigilante, um guaribão destaca
o corpanzil de atleta, o pelo cor de fogo
dissimulado em meio à profusão de versas.

É a sentinela, o esculca, e a ele cabe a saca
do alarme contra o que perturbe o sono ou o jogo
das gentes por aqui e por ali dispersas.

II

— Se acaso relaxar naquele nobre posto
a que é admitido — uma honra e um dever,
chance nenhuma tem, de a gosto ou contragosto,
ao castigo da praxe, e mau, sobreviver.

Dão-lhe pancada os machos brabos, fica exposto
a mordeduras, sem perdão. De parecer
é que as fêmeas também se inclinem, por suposto,
ao desprezo geral que o precito há de haver.

Expulsam-no da chusma e é crível que o proscrito
não ache outro recurso, além do que lhe é destro,
do que estar a mercê das feras, como um trolha.

O seu fim é bem triste: fêmea alguma ao grito
do sexo atenderá na hora do cio, e o sestro
ofertará sensual ao macho que ela escolha.

X

A Aranha assassina

I

— Hedionda e má, abjeta e repulsiva, a aranha caranguejeira é um ser que só o inferno gera. Do porte de u'a mão humana, tão estranha desgraça é mais voraz do que outra qualquer fera.

Ásperos picos todo o corpo alastram, a esfera de repulsão crescendo em nós e até assanha desejos de acabar com a estirpe da megera, excrescência animal de impiedosa artimanha.

Assassina eficaz, repelente estafermo que habita a casa, habita o mato, habita o ermo e quando morre em si bichos desovam apenas...

porque o aspecto infunde asco e náusea e vômito, e ela carrega a imagem atra e fiel de indômito demônio a se arrastar dos bredos das geenas...

II

— O asqueroso animal de aparência medonha
como certos velhacos — pode, nuns repentes
traíçoeiros, agredir as aves, a peçonha
inoculando. Assim fará com as serpentes.

Não come a carne crua, empregando uma ronha
para torná-la toda em líquidos vertentes,
esse drácula atroz, do seu reino a vergonha,
porque lhe falta a ação dinâmica dos dentes.

Com o palpo suga a polpa mole e o sangue chupa
com requintado gosto, oito olhos coruscando.
Depois, repleta, vai empós de outras façanhas.

Se é fêmea, deve o macho ter cuidado: em drupa
decomposto será algumas vezes, quando,
sem coito, inocular-lhe a vida nas entranhas.

XI

A Cigana — mãe heroína

I

— Falamos de outra feita a respeito de aspectos maternos e não foi incluída a catingeira, aturiá nomeada, um fóssil vivo, e os etos normais dessa ave oriunda da estação primeira.

O gavião não perde uma visita à beira do rio, ao ninho onde ela oculta os prediletos famintos pelo cibo. E assim, queira ou não queira, à mãe cabe velar pelos rebentos netos.

Como não voa largo e nem os feios polhos podem o vô levantar, ela recorre a extremos para salvar da morte ingrata os seus pimpolhos.

Lança-~~o~~ à água e os pobres, úmidos e tontos, vingam subir usando os membros como remos, penosamente alando desde os grossos contos...

II

— E assim sucede se outra vez a fome leva
o falco a expor-se ao esporão que ela conserva
na extremidade da asa desde a era primeva
e que aciona quando o inimigo a enerva.

Vive em bandos de seis a dez e só se seiva
de grãos com que alimenta a fétida caterva.
Tem habitato exíguo em que a função longeva
de nascer e procriar sedentária observa.

Nem sempre do naufrágio a ave escapa, e é sorte
se consegue vencer a força da corrente
e de bubúia achar um ramo que a suporte.

Filhotes de carona, ao léu, presos em feixes
de capim tem-se visto, o que não é frequente,
e acabam na dieta estúpida dos peixes...

XII

A Onça e o Tamanduá-bandeira e suas relações amigáveis de genro e sogra

I

— Abraço de tamanduá, diz o caboco,
convitativo gesto é de algum marmanjo:
aparenta intenção seráfica de arcanjo
que ocultasse a vileza em coração matroco.

Do formicívoro cerdoso a carne nem a troco
de ouro ninguém a quer, mas não dispensa o manjo
quando o pega à traição a onça, que é arranjo
do estômago rosnando há vários dias oco.

Todavia não o come a bom comer, dispensa
o sobejo ao tatu, ao furão e ao abutre
que acodem em procissão à pútrida carniça.

É a lei da selva, é, e vença quem na vença
a vida continua e o forte que se nutre
do fraco também tem a sua vez na liça.

II

— Triste da fera se atacar o inimigo
em falso, sem resguardo, apenas confiada
nos músculos, na força ou no tamanho, ousada,
mesmo que a fome a impila à busca do mastigo.

O pacato lambão de térmitas e amigo
de banquetear-se a sós nos formigueiros, nada
teme apesar de sonso. Evite-se a canhada,
o bicho irado muda, é um volante perigo.

Atracando-se à onça, embora ela o maltrate,
enfia-lhe os punções no dorso e ou põr entre
as costelas e tira-as fora desde as costas.

Não há como escapar, a fera urrando abate,
as vísceras em sangue escapando do ventre,
e rolam em rolo horrível palpitando expostas.

III

— Porque o tamanduá vencer a onça logra
não é questão a decifrar; informa a lenda
que os dá por imistados: ele, a ogra,
linguaruda; ela (a onça), o genro de encomenda.

Daí que o genro com a sua meiga sogra
pretenda, mão à mão, acabar a contenda.
Mas pelo visto a branca paz sempre malogra
por uma causa que passou a ser colenda.

A sogra sempre foi, em saboroso estilo,
demônio azul que inferna a vida dos casados
e dela se ocuparam as cronações pristinas.

Por isso foge de abraçar a coisa, aquilo,
o genro carnicheiro, só por trás, cuidados
mantendo à força contra as unhas assassinas.

XIII

A Ariramba meteorologista

I

—Se ao filho desta terra — o caboco amazônico,
é dado uma noção primária da ciência,
se deve mais à ajuda de um mentor biônico,
do amazoníndio só a lúcida experiência.

Milênios e milênios de total vivência
com a Natureza pura e sábia foram um tônico
depurador, terapêutica, nobre essência
que lhe deram inclusive a chave do ctônico..

Do índio recebemos o enciclopedismo
que a alma nos prende a formas de comportamento
aprendidos aos bichos naturais da terra.

À ariramba — uma ave ribeirinha, crismo
de sabidona e astuta pelo sentimento
que sua exata previsão de um fato encerra.

II

— Nos beiradões de greda (táua) — a ariramba
nidifica em covões, mas a aspereza a mãe na
sua solicitude acama em leve paina,
sólido abrigo para a filharada zamba.

O alimento ela o tem nos peixes, sua faina
materna. E o dia inteiro, até que o sol descamba,
entra e sai, vai e volta, alteia e desce bamba,
toda malabarismo empós da comezaina.

Mas se presente — e ela o presente! — que a enchente
vai inundar seu ninho, asila-se mais alta
e é certo vir a encher o abrigo precedente.

Por isso o natural observa a ave e saca
verazes conclusões, e sabe o quanto falta
de água para inundar o soalho da barraca.

XIV

A Louva-a-Deus, monja hipócrita

I

— Quem na vê ajoelhada e humilde, diz: “— Parece
mística sóror, concentrada monja pálida
a dizer para Deus a compungida prece
cheia de amor e paz, inocente crisálida...”

De fato assim se cuida e acreditamos válida
a escópica impressão que aos nossos olhos viesse.
No entanto, engano cego! aquela pose esqualida
é versátil no amor como os entorses do esse...

Ali está o exemplo ordinário de quanto
atitude piedosa de emoção e pranto
ou o estado interior de uma alma nos engana...

A hipocrisia e a falsa fé são epinícios
do mal, a chave infame da esperteza, os quícios
que portas triplex abrem a luxuriosa gana...

II

— Não acredites nela e no seu pífilo nexa
de orar. Ou se ora a deus, é um deus da sua escolha.
Seu mimetismo é a prova: imagine-a uma folha
à espera de saciar a exigência do sexo.

Espera, a canibal, e o seu mundo complexo
reflete-se no prisma que há em cada bolha
do olho. A atitude falsa muda quando encolha
as patas e o inseto apreende no amplexo.

Se o macho assume é com cuidado. O abraço prende
o protórax esguio que a seresma gótica
decepa na serrilha. O horrível é que além de

decapitado, continua o idílio, e cresça,
enquanto a fera vai banquetando a exótica
e trágica hediondez do amante sem cabeça...

XV

O Gambá — vulgo rãõ de seda

I

— Não sei qual a razão, e cabe um bom protesto, porque o gambá é dado ao reprochável vício da intemperança. Mas espera-se, de resto, que exista explicação pra tal pendor letício.

(Entre ele e o instrumento indígena, resquício de antigas religiões, há um nexó, que atesto, e creio que o gambá, que passa por honesto, como deus viveu bem com pouco sacrificio).

O homem descobriu, e disso faço alardo, que gambá sabe bem tratado a molho pardo após ser removida a nauseabunda glândula.

Prato dos deuses, sim, é sarigué de forno. Essa carne é melhor que outras cheias de adorno e ante ela Savarins desfiaram a camândula...

II

— A fêmea tem marsúpio onde a ninhada mole sobrevive a mamar antes de que se afoite e saia a defender o estômago de noite e da sombra da mãe cuidadosa descole.

É grato aos olhos vê-la exercer o controle dos filhos e a um bom e cândido pernoite levá-los de carona. E o bando que se acoite no lombo. E assim viaja acomodada a prole.

O amor materno do gambá quer ser romance e só termina quando a todos ela abona a alforria e acede a novo matrimônio.

Se não fosse a inhaca e aquela performance de lunfa contumaz, bem que a senhora dona gambá estaria a prol do conceito inedônio...

XVI

A Onça pescadora

I

— Pois andando é que cobra engole sapo, ensina a sã filosofia aqui da terra: e os mestres que a cultivam têm nela a mais rendosa mina, exemplos e lições que vêm dos seus ancestres.

Por isso é que o caboco em si se contamina da conduta animal dos seres mais silvestres: não importa que as vejas tal como uma sina e que nelas teu gênio ou a ambição adestres.

Tem fama a onça de velhaca. E ela prova que sim, se a fome a impele à frente, resoluto, e com ela aprendeu o índio. A velha história...

A inteligência é dom, mas empregá-la é nova aquisição e estado a quem enfrenta a luta pela sobrevivência, ou pelo amor e a glória.

II

— Achega-se matreira, em plena luz do dia,
à água, geralmente em sítio não profundo
que ela escolhe a seu gosto, um tronco. Lá no fundo
peixes circulam à mão, conforme a comedia.

Agacha-se e observa atenta. Às vezes poderia
de uma mãozada — lap! — atormentar o mundo
de barbatanas, mas nem sempre lhe é fecundo
esse tipo banal de estulta pescaria.

A técnica empregada é a de bater muponga:
com a ponta da cauda ela golpeia a tona,
fazendo crer que o choque é o fruto ou a semente.

O tambaqui voraz acode e a boca alonga.
A canha entre em ação e a rápida taponas
atira-o em terra a rabear inutilmente.

III

—Do índio ao tapijara e destes aos modernos,
a lição natural aproveitou bastante:
o osso do peixe-boi polido e o barbante
a placidez da água inverteram em infernos.

O tucumã e a seringa são hodiernos
recursos, que uma flecha certa e sibilante
ajuda, oferecendo à fome ou à excitante
prova os alvos que são os mesmos sempiternos.

Tucunarés e tambaquis, de outros à frente,
se melam pelo fruto ou a noz que do alto cai:
o côncavo ruído os perde fatalmente.

Mexeriqueira é assim, de anzol de linha longa,
depois que o tucumã, um par, à água vai.
No fundo é a mesma coisa — a arte da muponga.

XVII

O Japlim (Iaplim) — rei dos linguarudos

I

— Na família psitaco os animais que ainda sabem falar, ou imitam a voz humana, são o papagaio e a cacatua, esta vinda do Oriente como adorno. O iapiim os irmana.

É um pássaro cantor que o ninho arranja ao fim da galhada, uns sacos longos que o terral abana. Não tem medo de gente e ao abrigo ele guinda comida do quintal e outras de sua gana.

Constrói o ninho sempre onde há casas de caba e ninguém descobriu por que: se pelas larvas ou para defendê-lo dos ladrões parrudos.

Aprende facilmente o que ouve vir da taba ou da casa da vila. E entre as aves tão parvas ele passa por ser o rei dos linguarudos.

II

— Jegral da selva, o esplêndido iapiim de ledó aspecto arrasta o fado que a si mesmo obriga de respeitar a um pássaro. Estória antiga conta que o iapiim do tamburí tem medo.

Quando os bichos, outrora, sem nenhum segredo da fala original viviam, houve briga entre os avós dos dois, por certo feia intriga: que arremedava o iapiim do outro o canoro enredo.

O tamburí valente ao iapiim canalha abriu o peito — e o bico inda possui vermelho — firmando o seu prestígio à custa da intrigalha.

O iapiim, que na arte de imitar é o tal, mantêm-se fiel ao bom e patriarcal conselho de não arremedar jamais o seu rival.

XVIII

O Urubuetê — higienista, agente funerário e escritor

I

— De passo tardo, calva à mostra, e de rabona,
esse negro escrivão da prefeitura
anda pela cidade a olhar, de zona em zona,
onde há restos mortais pra sua sinecura.

Localiza a carniça a uns mil pés de altura
e desce com as correntes de ar, ou abandona
a ajuda, as asas sia e pica, o espaço fura
na pressa de chegar e não passar por fona...

Urubu é malandro e aquela sua ginga
inspirou o maxixe nacional de antanho
que andou mexendo o rabo à raça brasileira...

Limpa-ruas sem paga, quem é que te vinga
do esquecimento, quando outros o gordo lanho
desfrutam, a capital deixando na esterqueira...

II

— Urubu quando nasce é branco como a neve
dos alcantis azuis que seu mano palmilha,
o côndor, que de branco apenas tem golilha,
do sarcorranfo cruel que a tudo audaz se atreve.

Do abutre diz-se o mesmo e até do corvo escreve
um poeta — Poe — aquela excelsa maravilha...
Mas do urubu ninguém diz nada e até cuspilha
e o trata como a um pária que se nutre em seve.

Mas o filhote vingá-se e podrido vômito
deslancha quando alguém se acerca do seu ninho,
em represália a tantas e cruéis pilhérias.

E ele próprio, a crescer, muda de cor, e atônito
desconhece o pretume, e o frocado de arminho
se tisna na razão das ceias deletérias.

III

— Há cem anos atrás (talvez mais longe!) o agente da cultura emprestou à arte e à ciência concurso expresso com fuligem e mordente e as penas da ave morta em cruda diligência.

Tudo o que o homem de outras eras tinha em mente escrever ou traçar, fosse ou não fosse a essência da razão, do direito, inevitavelmente ao cálamo cabia a forma e a eficiência.

Atos públicos de escribas (as provas tive-as),
letras de damas amorosas, guais de pobres,
quem a idéia quisesse em regras por a nu,

teria que aceitar, invés das plumas níveas
do cisne, mais custosas, de aparências nobres,
— as negras penas das remiges do urubu...

XIX

O Tamaquaré — pajé criador

I

— Dos sáurios que possuem liames com o passado diluviônico, esse aqui é mestre em criações. Supera seus parentes próximos de um lado: calango e sinimbu que são meros vilões.

Tamaquaré foi dantes, contam, estimado pajé, e ainda hoje o couro é aceito em promoções ligadas ao amor. Na planta transformado, o óleo é requerido em filtros e poções.

Quem não tiver em casa o bicho em qualquer forma, embalsamado ou o couro apenas, se defenda dos feitiços usando talismãs pastichos.

Em irresistível, belo moço ele transforma qualquer velhote desprezado e a sua lenda garante-lhe o prestígio entre todos os bichos.

II

— A lenda explanatória informa, entre outros lances,
que às bodas com o tapir ele criou a rede
que o tucano teceu com lianas e com o que de
melhor pedia a arte para tais romances.

O tucano, depois do árduo trabalho e trances,
de cachiri andou matando a baita sede
até que à língua deu — nhenhêm — e agora vede:
os homens o segredo houveram com as nuances.

O sáurio continua armando a rede — um mimo —
elaborada à base de matéria prima
que arranja aqui e ali e amassa com saliva.

Quem no tiver, ao amuleto assaz opimo,
não sofrerá da sorte má nem essa grima
que atormenta o ser vivo e a alma de gozo priva.

XX

O Ulrapuru — cantor e feiticeiro

I

— Creio que exista um modo, um meio ou uma estética do fascínio animal, desde que vimos antes a onça e a sucuri usarem dessa rética astúcia contra a presa: os olhos fascinantes.

Poder igual foi dado ao homem, embora a herética opinião recuse admitir. Probatos são os bíblicos eventos em que a epilética assume um grau divino entre os plebeus confiantes.

Que outros bichos possuem a dimensão hipnótica capaz de sujeitar a espécie, ou mesmo o estímulo da voz, segundo crê-se em oradores natos,

não causa espanto e a mim não me parece exótica, o que é de admirar talvez, conforme vímo-lo, é que aconteça o episódio em nossos matos.

II

— O uirapuru é um pássaro enfeitado e o termo explica exatamente isso; mas a fêmea não tem beleza, é de um verde escuro enfermo, enquanto o macho tem policromia boêmia.

Isso o ajuda a reter em volta, quando no ermo executa o programa, aos animais. E teme-a, a voz do Orfeu divina, aquele que outro sermo vocal a ela impede emparelhar-se gêmea.

Dizem que quando canta (e a voz quer ser eclética) atrai os animais de toda espécie, menos quadrúpedes que excedam ao seu pequeno porte.

Também a afirmação ocorre simpatética: o belo da ave explica aos crentes mais serenos porque, como amuleto, atrai pra nós a sorte.

XXI

Uluara — o Lovelace da água

I

— Entre os golfideos brincalhões, o nosso boto com um grande e popular conceito mítico arca, conceito milenar, em todo caso imoto, que toda a região amazoníndia abarca.

É de ver-se a porção se rebolando, a marca do luzidio dorso à tona, e a frol o broto da cuca, onde ele tem o furo do ar... Exarca no rio a função de súcubo caboto.

Dizem que o tucuci é o pai da vida aquática e salva, quando pode, os naufragos das goelas de tubarões e piraíbas e piranhas...

Luta contra o vermelho — a velha pragmática — e vence-o, porque é o gênio bom daquelas regiões de mistério e de lendas estranhas...

II

— Uiuara é o boto preto ou vermelhinho. O sangue fareja, ao catamênio. É por causa disso que se proibe à fêmea nesse estado exangue andar à beira d'água, o que é contraditório.

Também deve evitar roupa encarnada, zangue porventura a cunhã que aprecia o derriço. O bicho tem o mês igual à fêmea e langue se entrega à macharia em fresco reboliço...

Tem-se visto o escarcéu, a turbulenta briga, dezenas de animais lutando pela fêmea, que o sestro à tona d'água o amor sexual instiga.

Esse dom João do rio é pior que Lovelace: responde até no juiz pela avidez boêmia, que o código civil proibe se ultrapasse...

III

— “Su o buto tucuci” — disse o entrante moço,
e a cunhatã levou para a maqueira armada.
Durante toda a noite ouviu-se o alvoroço
dos esses nas escápulas — sensual toada...

Nado o sol, sobrevém a fresca madrugada
e a vida esplende ao sopro do ar vernal; o sobrosso
das coisas materiais reflete a luz ansiada
e a selva e o rio e o ar, tudo adquire esboço.

Apenas na água mansa, a boiar, o chapéu,
feito da folha argêntea e verde da embaúba,
do víndico noturno acusa o rastro, ao léu...

Nove meses depois o ventre expulsa o nu
produto de uma noite. Indagada, a mucuba
ingênua diz à mãe: — “Fui buto qui butu...”

XXII

O Bicho Homem

I

— O mais venal dos bichos, porque pensa e age
segundo seus padrões antigos e modernos
é o Homem — chame-se ele Brutus ou Lesage,
Quasímodo ou Platão, famosos, sempiternos.

Criador e mago, artista e poeta, a ambage
do verbo causa tanto horror aos doces, ternos
ouvidos de um canário estúpido que reage
de mesmo que o troar de Pluto nos infernos.

Não se desculpa nele o senso da maldade
ao lado do esplendor divino dos seus versos
que abrem clarões de sol na densa claridade.

E contudo esse deus que desafia espaços
não sabe dominar os ímpetos perversos
que explodem da alma infame em negros estilhaços.

II

— A cadeia da vida exige o derrelito
como fórmula vil de sustentar o mundo.
Todos se entredevoram, de hora em hora há um grito,
uma lágrima, o mal do ódio animal oriundo.

Dessa exigência fátua o Homem fez seu mito
que é vezo cultivar de segundo em segundo,
por isso fere e mata, acrescentando ao rito
o prazer do tripúdio e o riso nauseabundo.

Ridículos troféus são cabeças e peles
de animais que nem sempre mereceram a morte
nas horas de ócio vil que esses heróis consomem.

A distância matou, com a astúcia dos imbeles,
a fera que enfrentar temeu tendo a má sorte
de encontrar esse bicho que se chama — **HOMEM.**



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 · 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

